

*As feridas
do
cotidiano*

&

*algumas
belezas
frágeis*

THIAGO DA SILVA PRADA



CONTOS

AS FERIDAS DO COTIDIANO & ALGUMAS BELEZAS FRÁGEIS

PREPARAÇÃO
França e Gorj

EDIÇÃO
2018

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Murilo Guerra

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P896f PRADA, THIAGO DA SILVA. 1985
As feridas do cotidiano & algumas belezas frágeis
Thiago da Silva Prada
Guaratinguetá: Penalux, 2018-07-18

88 P. : 21 cm

ISBN 978-85-5833-403-7

1. Contos I. Título

CDD.: B869.93

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Literatura brasileira



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
A reprodução de qualquer
parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa
do autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

A Sangria dos Versos

Naquela tarde de verão, Francisco Assis amargou o fel da partida dela, o sol se apagou, as flores murcharam de imediato e tudo ficou preto no branco, incolor.

Leu a carta escrita por ela, inúmeras vezes, tentando engolir cada palavra de letra caprichosa como se fosse um remédio ruim, sem a ajuda do mel para engolir o dissabor do amor foragido.

A carta dizia que ela tinha o problema da liberdade dentro de si, ela era como um pássaro que precisava voar, que lutara, mas o problema estava nela, que ele não se sentisse mal e continuasse a declamar os seus versos tão lindos por toda a vida, e Francisco sentiu-se imediatamente preso a casa, engaiolado, vendo a vida fugir de seus aposentos.

A notícia se espalhou no dia seguinte e os amigos procurando-o, encontraram portas e janelas firmemente fechadas, com barulhos como se a casa fosse um estômago em azia, e lamentos de um vivo que mais parecia um moribundo.

Por uma semana, Francisco Assis, que não era santo, sangrou versos pela casa inteira, como se pela sangria das palavras, pudesse retirar de dentro dele toda tristeza da partida. Sangrava os versos pelas paredes, rabiscando lamentos e desatinos, teorizando filosofias herméticas sobre o incondicional amor transcendental de Deus para com seus filhos, e o finito degenerado do coração dos Homens.

Sem comer nem beber, foi minguando pelas palavras, todo sangue beatificando a casa em obra prima poética, enquanto o corpo murchava como planta abandonada em um jardim.

Ao cabo de uma semana, arrombaram as portas e janelas da casa, descobrindo a casa iluminada de vivo vermelho poético, e o corpo de Francisco murcho, na soleira da janela, como se, fracassado no vôo, olhasse o céu a procura de quem nunca retornaria.

Despertar das Tristezas

A casa inteira foi acordada com gemidos de dobradiças de móveis antigos, uivos de amargura e angústia de animal morrendo. Correram todos desesperados até o quarto de José, e lá o encontraram em sua cadeira velando assombrações, pararam e escutaram, os gemidos e uivos vinham dos seus velhos ossos: eram as suas tristezaas que acordaram naquela noite de inverno.

Almalume

Um grito ensurdecedor ecoou pela casa inteira, acordando os papagaios e periquitos, que soltaram palavrões de desgosto em plena noite, e derrubou da rede Antonio, que quase nu, se afogava no calor do verão na sala em sonhos de mosquitos e pernilongos.

Levantou-se para ver que grito era esse, foi ao quarto de sua esposa e viu sua alma fora do corpo olhando pela janela, brilhante como um vaga-lume e assustada como uma criança: o grito vinha de sua dor de alma que acordava entre sentimentos doloridos e viu a escuridão da noite dentro dela.

A Espera

Carmelita acordou florida e abençoada pelas borboletas que adentravam por seu quarto, trazendo as correntes de ar como uma brisa refrescante e o perfume das rosas do jardim. Hoje, ele aparecerá, ela tinha essa certeza cigana de mulher que olhava sob o véu das coisas sem nomes do destino. Ela se levantou e arrumou a casa, como se embalasse um filho: coloriu com as flores, jogou seus perfumes da noite para trazer o dia, verificou cada pequena coisa de sua morada no seu lugar, enxotou os cachorros e pombos, começou a preparar o almoço com a febre do amor.

Ao cabo do meio dia, Carmelita se olhou no espelho e soltou os cachos do lenço preso em sua cabeça, lavou-se e passou o batom fatal pelos lábios, estava pronta.

Ansiosa, sentou-se na cadeira da mesa, onde apreciava sua obra de arte febril: comida, enfeites e tudo em seu devido lugar. Ele se aproximava, podia sentir seus passos na terra e os pássaros cantando sua chegada.

Agora, ela podia começar a ser feliz, pois a solidão já ia embora pelos fundos.

O Cão Raivoso do Amor

Maria Rosa sangrava pela casa, cada passo seu deixava um rastro vermelho de dor pelos corredores. Ela havia sido mordida pelo cão raivoso do amor e agora uivava de agonia e solidão no escuro do quarto, enquanto os pássaros engaiolados cantavam lamentos fúnebres.

A mordida inchava e o coração no peito se quebrava em pedaços como uma cadeira velha. Louca e decadente, espumava poesias e canções noite adentro, arranhando as paredes procurando um descanso para a ferida mortal.

De manhã, os vizinhos alarmados encontraram Maria Rosa, enlouquecida e dolorida, com uma rosa desabrochando no peito aberto.

A Cidade Afogada

Não muito distante da pequena cidade, brotou do solo uma fonte, que logo se transformou em um rio, e iam os doloridos da alma e corações angustiados beberem de sua água, na calada noturna de estrelas vermelhas no céu, o gosto doce preenchia os vazios e, por alguns momentos, podiam esquecer as angústias da existência.

Um dia, o rio transbordou e inundou a pequena cidade, que agora era afogada por todas as memórias, segredos e dores de seus próprios habitantes, voltando como ondas e a cidade afundou no peso de toda a sua própria história.

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTOR

[fb.com /thiago.prada](https://fb.com/thiago.prada)
sonhosdepompeia@gmail.com

Impresso em Pólen Bold 90g/m²
em São Paulo para Editora Penalux, em Agosto 2018.